

SER PROFESSOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fernanda Franco Rocha¹

Em 2020 iniciamos o ano escolar conforme os protocolos legais vigentes – calendário escolar, planejamentos, reuniões pedagógicas, cursos de formação, organização dos projetos, primeira semana de aula e até o primeiro e tão esperado feriado (Carnaval), ou seja, tudo dentro dos moldes esperados e organizados.

De repente, começa a surgir nos meios de comunicação a notícia de um vírus denominado COVID-19. E quando menos esperávamos estávamos diante de uma Pandemia. De imediato veio o *lockdown* para tentar evitar o contágio em massa.

Todos em casa, em quarentena. Assustados com a disseminação tão rápida do vírus e com a quantidade de milhares de mortos. Medos começam a se propagar, assim como a Pandemia, pois surge a incerteza do trabalho, angústia, ansiedade, sonhos deixaram de existir, desemprego em massa, falência, sem vida social, sem contato com as famílias, um verdadeiro caos.

No entanto, por pior que estivesse a situação não podíamos nos entregar, tivemos que buscar meios para sobreviver. Dessa forma, convivendo com a Pandemia, as pessoas começaram a retornar aos trabalhos considerados essenciais, dentre eles, a educação escolar. Mas como? Se não poderia haver aglomeração? Surgem as aulas remotas, que atenderam desde à educação básica até o ensino superior.

O aluno não vai à escola, a escola vai até ele. De que forma? Por meio da internet. Vale ressaltar, que boa parte dos alunos não possuíam acesso à internet ou ela não era compatível para atender determinadas plataformas.

Qual o papel do professor neste cenário? Continuar sendo um excelente protagonista. Sua casa se torna o palco, onde o espetáculo precisa acontecer, ao vivo, sem improvisos e falhas. Um verdadeiro profissional, capaz de se adaptar às novas situações, sem deixar de lado sua competência ímpar na arte de ensinar.

¹ Mestre em Educação pela PUC-Goiás. Professora no Centro Universitário Alfredo Nasser.

Não foi apenas a casa do professor que se tornou a escola não. Seu aparelho telefônico – celular – também, que antes era usado na sua vida privada, passou a ser um número tão divulgado que ficou mais em evidência que os telefones de emergência utilizados pela população.

Ao disponibilizar o seu celular para atender à necessidade dos alunos – por ser um recurso mais acessível a todos – o professor estava promovendo mais possibilidade de ofertar o processo de aprendizagem, mas também estava cumprindo ordens impostas pelos seus superiores, no intuito de colaborar, manter seus empregos e amenizar uma situação que deixara todos desestabilizados.

Ao agir com tanta boa-fé, profissionalismo e preocupação em continuar fazendo acontecer uma educação de qualidade, o professor não imaginava que se tornaria dedicação exclusiva – DE, mesmo continuando a ser horista. Como assim? Ao ter seu número de celular compartilhado, passou a receber mensagens vinte e quatro horas por dia, durante os sete dias da semana, não tendo descanso nem nos feriados e dias santos.

Na educação básica, os alunos nem sempre acompanhavam as orientações das aulas quando elas aconteciam. Por várias razões, nem todo aluno possui um aparelho celular ou computador e dependiam do telefone do responsável ou da orientação/acompanhamento. Esses responsáveis estavam trabalhando ou fazendo outra coisa mais importante que auxiliar sua criança no momento da aula.

Outro fator que dificultou esse processo: às vezes a família tinha um único recurso para ser dividido com mais de um filho, ou seja, alguém não iria assistir a aula. Os mais prejudicados no fim das contas foram as crianças menores, pois partimos do pressuposto bastante equivocado, comprovado pela história e pela cultura, que criança pequena pode aprender depois. Tem muito tempo para isso!

Já muitos alunos do ensino superior perderam seus empregos, outros tiveram alteração no horário de trabalho, mudaram de bairro, cidade ou até mesmo de estado. Então, vários se viram obrigados a trancar o curso, outros com um pouco mais de possibilidade continuaram cursando. Acompanhando as aulas pelo sistema remoto, de casa, do trabalho, compartilhando a internet com familiares, vizinhos e amigos, o que não foi fácil, muitos conseguiram com mérito do seu compromisso, interesse e responsabilidade concluir o ano letivo.

Tanto na educação básica, quanto no ensino superior houve dificuldades, superações, reinvenções, adaptações, alegrias, tristezas, medos, angústias, um turbilhão de sentimentos, ora bons, ora ruins. Mas é possível afirmar com bastante propriedade que aconteceu o ensino e a aprendizagem por parte, tanto da escola que se propôs a desempenhar seu papel, quanto por parte dos alunos e familiares que se comprometeram a também fazer sua parte. Houve aprendizado e não foi um ano escolar perdido!

Como se vê, a vida nunca foi e nunca será um conto de fadas, com a famosa expressão: "... e viveram felizes para sempre!". Pois se fosse, nem Pandemia teria existido no nosso maravilhoso Planeta Terra. O que quero dizer na verdade, é que muito longe dos contos de fadas, o professor estava vivendo uma situação única, inesperada, desgastante, pois passou a ser solicitado a todo momento, por pais, alunos e seus superiores.

Ninguém, ou quase ninguém, lembrou-se que o professor antes de tudo é gente, não uma máquina, que está disponível a dar uma resposta instantaneamente, receber milhares de informações simultaneamente, preencher infinitas plataformas e dar conta do dia para noite de se tornar um perito no domínio das tecnologias.

E sabe qual gênero mais sofreu com todas essas pressões? As mulheres. Sabe por quê? São a maioria na educação escolar, cuidam dos filhos, da casa, resolvem os problemas/imprevistos que surgem de repente e a maioria são provedoras do lar. O fato de estarem trabalhando em casa, levou muitas pessoas a deduzir, que estavam somente em casa, remetendo à ideia: "não fazendo nada" – quero acreditar que essa ideia imaginada lunaticamente por muitos, que seja apenas um efeito rebote da Pandemia e que assim que a ela for embora irá junto.

Diante da ideia acima citada, pais, alunos, grupos gestores e secretarias de educação consideraram que podiam perguntar, tirar dúvidas, aumentar a quantidade do trabalho e o que a imaginação permitisse, que o professor estaria ali prontamente para responder instantaneamente com toda classe, alegria, saúde e sabedoria. Só não perguntavam se ele estava bem!

Assim como os contos de fadas, reza a lenda que alguns terráqueos não habitam o nosso planeta, vivem por aí, ao bel prazer. Isso foi até comprovado pela Pandemia, pois muitos desses terráqueos não conseguiram e ainda não conseguem respeitar o distanciamento social, utilizar as máscaras na face, fazer a profilaxia adequada, respeitar

os milhares de mortos e serem solidários com as pessoas que perderam seus entes queridos para a COVID-19.

Simplesmente estão desconsiderando a quarentena da Pandemia – que deixou de ser quarentena e já até fez aniversário – como férias prolongadas. As férias incluíam as aulas tanto por parte de alguns alunos e responsáveis dos alunos da educação básica, quanto por parte de uma minoria dos acadêmicos do ensino superior, que julgaram que as aulas não estavam acontecendo, que os professores estavam apenas brincando de faz de conta (peço licença, para fazer um adendo, infelizmente também tivemos uma pequena parte de professores de férias). Ledo engano, no final do ano letivo tiveram que admitir, mesmo a contragosto que as aulas aconteceram e que os professores (a maioria) cumpriram o protocolo com maestria e excelência.

Como dito, por serem terráqueos e não acharem que vivem nesse planeta, não admitem seu descompromisso, foram atrás de quem, pedir clemência? Isso mesmo, o professor, pois seu filho não pode ser reprovado é apenas uma bebê, coitadinho! Já o acadêmico do ensino superior usou de toda sua esperteza e malandragem para se safar da reprovação, se achando no direito de incomodar o professor na véspera do Natal com desculpas esfarrapadas para conseguir com um jeitinho bem brasileiro ser aprovado, de ter suas notas e faltas alteradas.

Não estou dizendo que o professor nessa Pandemia foi um super-herói, que quer ganhar créditos e reconhecimento como os profissionais da saúde (médicos e enfermeiros) que trabalharam, muitos infelizmente morreram e continuam incansavelmente salvando vidas, diante de uma sociedade que ainda não se conscientizou do perigo da Pandemia.

Mas deixar claro que, os professores, procuraram fazer o que estava além do seu alcance para atender seus alunos, criando e recriando metodologias que promovessem uma educação eficaz. Nada substitui a aula presencial, o contato direto, mas fizeram o melhor, agiram com compromisso, seriedade e ética, mesmo tendo sua sanidade física e mental afetada.

Superaram as barreiras, os medos, aprenderam a lidar ou aperfeiçoaram o uso das tecnologias para promover uma maior interação, participação e sucesso escolar. Porque ser professor não é ser missionário, amar a educação, adorar as criancinhas ou simplesmente “dar” aulas.

Ser professor, é ser um profissional que dedica anos da sua vida estudando, pesquisando e levantando questionamentos sobre como ensinar as pessoas para que elas se tornem independentes, autônomas, críticas e capazes de construir um mundo melhor, igualitário e justo. Para que possam ser terráqueos orgulhosos de habitarem e desfrutarem do Planeta Terra, de cuidar de si e do próximo, evitando que novas Pandemias apareçam.